

## SEGUNDO DOMINGO NA QUARESMA

### TEXTO: **MARCOS 8.27-38**

#### **1. Nota Introdutória**

A reflexão teológica envolvendo o significado e propósito do período quaresmal neste domingo litúrgico nos é suscitada por Marcos 8.27-38. Daqui, portanto, pode vir nossa temática do dia, uma vez que, o que está em foco é a identidade de Jesus Cristo com base naquilo que lhe é mais próprio: sua paixão, morte e ressurreição, por ora. Estes chamados “atos oficiais de salvação” devem firmar e moldar nossos corações e mentes a respeito de quem Jesus é. Por outro lado, isso também nos indica cuidado e atenção para que não sejamos confundidos com a negativa da proposta temática através de superficialidades e concepções equivocadas sobre a identidade de Cristo, ou seja, sobre quem Jesus não é.

A narrativa de cada um dos evangelistas a respeito da pessoa e obra própria de Cristo é a mesma, mas sob hipótese alguma é igual. Cada um deles, tendo em vista o que seus olhos viram e ouvidos ouviram, na inspiração do Espírito Santo, identificou a Cristo sob primas distintos. O relato do evangelista Mateus, com suas mais de 50 mais citações e alusões ao Antigo Testamento nos oferece uma temática que engloba a plenitude do cumprimento da promessa messiânica em Jesus, que é o Cristo “porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Lucas, dentre outras coisas, enfatiza a objetividade e universalidade do Evangelho (Lc 2.30-31) descrevendo Jesus na presença de pessoas desprezadas pela sociedade de seu tempo (Lc 7.36-50), enfermos (17.16), pobres (16.19-31). Marcos, por sua vez, tem sido chamado de o “evangelho da ação” pois é notória a preferência do autor em registrar muito mais as ações e atos de Jesus, do que parábolas e longos discursos. É digno de nota que, proporcionalmente, Marcos é quem apresenta o maior relato da paixão, morte e ressurreição, e sobre isto, neste texto em estudo, diz Marcos que “ele expunha claramente” (8.32) aos seus discípulos descrevendo a ação de Deus, na sua pessoa, para salvação da humanidade. É neste texto em estudo que isso acontece explicitamente pela primeira vez no relato deste evangelista; não é por menos que boa parte dos estudiosos entende que o início desta perícopa (8.27) inaugura a segunda grande parte do relato do Evangelho de acordo com o Marcos.

## 2. Leituras do dia

“Nenhum cristão pode ler este Salmo sem se ver vividamente confrontado com a crucificação” (KIDNER, 2011). Uma leitura cristológica do Salmo do dia (22.23-31) é imprescindível e esta não é uma decisão que cabe aos caprichos da subjetividade do intérprete e ouvinte da Escritura; foi o próprio Senhor que disse em Mc 15.34: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?”. Esta é uma visão da primeira parte do Salmo 22 que vai do verso 1 até o 22. A primeira parte do Salmo é um grito de abandono e desespero. Ao que tudo indica, trata-se da descrição de uma execução de sentença e não de uma enfermidade (MOTYER, 2009). Esta primeira parte do Salmo aponta para o sofrimento, rejeição e morte de Cristo. Contudo, a perícope do dia aponta para a ressurreição: um banquete (v.26), uma mensagem que vai de geração em geração (v.30) e a justiça consumada por ele que será anunciada (v.31).

Em Gênesis 17.1-7;15-16 Deus reforça a identidade de Abraão e Sara como o povo da promessa e da aliança. Ainda que mais adiante no verso 17 Abraão expresse sua incompreensão a respeito da possibilidade de vida em meio aos dias avançados – dele e de Sara, Deus é quem afirma sua própria identidade, de que é fiel. A aliança com Abraão, e, posteriormente Isaque e Jacó é perpetuada por aquele que vence a morte, o descendente (Gn 3.15).

O texto de Romanos 5.1-11 nos mostra que a morte e suas experiências é um dia que vale a pena viver porque Cristo sofreu nossa morte e a ira de Deus (v.9). Neste sentido, somos chamados a viver nossa vida identificados com a morte de Cristo e encorajados a enfrentar a nossa morte, os perigos e a perseguição firmados na vida ressurreta e gloriosa que Cristo mesmo conseguiu para os seus. As tribulações são certas. Elas virão; e faz parte do desígnio humano medir a fidelidade e o amor de Deus tendo em vista seu bem-estar e situação favorável neste mundo. Por isso, o vínculo que Paulo estabelece entre o amor de Deus e nós, é o Espírito Santo derramado em nosso coração (v.5) e o fato de ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores (*ainda éramos pecadores* não sugere que agora *não somos mais pecadores*; sugere, sim, que não estamos mais sob o domínio do pecado) (v.8). Isto significa que Deus não prova seu amor para com as pessoas concedendo-lhes bens

materiais, boa reputação e coisas que ladrões roubam, traça e ferrugem corroem (Mt. 6.19-20). Há uma necessidade fundamental na existência humana (o pecado) que é suprida e satisfeita apenas na verdadeira identidade de Cristo (Salvador). D. A. Carson (2007) articula estes aspectos interdependentes em seu livro “Um chamado à reforma espiritual” dizendo: "Se Deus entendesse que a nossa maior necessidade era econômica, ele teria enviado um economista. Se ele entendesse que a nossa maior necessidade era entretenimento, ele teria enviado um comediante ou um artista. Se Deus tivesse percebido que a nossa maior necessidade era estabilidade política, ele teria enviado um político. Se ele tivesse percebido que a nossa maior necessidade era na área da saúde, ele teria enviado um médico. Mas ele entendeu que a nossa maior necessidade envolvia o nosso pecado, a nossa alienação dele, a nossa profunda rebelião, a nossa morte; e ele nos enviou um Salvador".

### **3. Destaques em Marcos 8.27-38**

Não foi apenas ao longo da história posterior da igreja que a identidade de Jesus Cristo foi sendo desconstruída, desconfigurada ou deturpada – consciente ou inconscientemente; os versículos 27 e 28 são a mostra de que já entre as multidões e líderes religiosos – a opinião popular de forma geral, o conhecimento sobre Cristo era no mínimo raso, superficial e especialmente, incerto. Os palpites conhecidos por nós através da resposta dos discípulos foram João Batista, Elias e ainda um dos profetas. Cesaréia de Filipe parecia ser um bom lugar – não menos perigoso, para se discutir a respeito da identidade de Jesus Cristo. Foi em Cesaréia de Filipe que Herodes – o Grande, construiu um templo dedicado a César Augusto, o Imperador, que era cultuado como um deus; de toda forma, era uma localidade associada e identificada com o poder imperial (VOELZ, 2019).

Diante da incerta e nebulosa opinião popular acerca de si mesmo, nos versículos 29 e 30 Jesus ouve dos seus discípulos – com quem há um vínculo que implica justamente o conhecimento da identidade, na pessoa de Pedro: “O senhor é o Cristo”. Espanta para muitos o fato de logo após esta confissão de fé Jesus *advertir* seus discípulos “de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito”. O verbo registrado por Marcos no verso 30 é *epitimáo*, denotando uma forte contrariedade; a nuance de significado pode chegar a uma reprovação (LOUW, NIDA, 2013). Tal

contrariedade se repete nos versos 32 e 33. O motivo para tal repreensão é que a compreensão para o termo *crístós* (Cristo) não era a compreensão pretendida por todas as profecias do Antigo Testamento, tampouco por Jesus. O Cristo esperado pelos judeus era compreendido como um líder nacionalista, prestes a libertar Israel do domínio romano; da parte dos romanos, certamente uma oposição a hegemonia de Roma na pessoa do Imperador; o fato é: ninguém esperava um Cristo cuja identificação e vínculo fosse a morte, e morte de cruz.

No versículo 31 Jesus diz explicitamente o que significa ser “o Cristo”, dizendo “que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado... fosse morto e que depois de três dias, ressuscitasse”. A força do vínculo entre o Cristo, a rejeição, sofrimento, morte e ressurreição está expressa por Marcos na forma verbal *dêi* pois denota algo que necessariamente precisa acontecer, muitas vezes com a implicação de que é inevitável (LOUW, NIDA, 2013). Isto nos diz que o fato de o Filho do Homem morrer na cruz vicariamente não foi um imprevisto, ou um acidente de percurso; a cruz é o plano de Deus, ainda que aos olhos humanos seja um plano em que a vitória está longe de se concretizar. Não é possível conhecer a Cristo e seus benefícios sem a cruz. Isto maximiza o episódio envolvendo Pedro a dura repreensão do Senhor a Pedro a partir do verso 32. A obra de Satanás, o pai da mentira (Jo 8.44), é mostrar e apresentar a cruz como desnecessária à consumação do plano de Deus tendo em vista o perdão de pecados e a vida eterna. Que Pedro pisou na bola, ele pisou, mas criticá-lo e condená-lo por tal pensamento genuinamente humano é um luxo que qualquer outro ser humano não se pode dar, correndo o risco de condenar-se naquilo que condena no próximo. O foco está naquele que na cruz foi condenado em nosso lugar, em nosso favor, de modo que, estando nele, não há mais condenação (Rm 8.1).

É neste contexto que o viver da fé é visto, organizado e articulado. Há um vínculo e uma relação de similaridade entre Cristo, sua vitória da cruz e a vida de fé neste mundo. Ainda que nos versos 34 a 38 tenhamos o sofrimento e a perseguição por causa do nome de Cristo, olhamos adiante da cruz, como na própria estrutura de Marcos, que no capítulo seguinte (9.2-8) descreve o Cristo glorioso e transfigurado, pois ele vence o pecado, o diabo e a morte. Estes versículos finais nos advertem quanto ao erro de aplicar e relacionar à nossa vida de fé e piedade, um conforto que experimentamos em cada situação do cotidiano que o nosso tempo nos proporciona. A rigor, viver num mundo razoavelmente confortável (tecnologia, avanços na

medicina, liberdade de expressão e crença – na maioria dos casos) é eticamente neutro e agradável; devemos dar graças a Deus por tudo isso. Contudo, crer em Cristo, anunciar arrependimento e fé, hoje, assim como em todos os tempos de outrora, coloca o povo de Deus em risco de perseguição, zombaria e toda sorte de adversidades, mas sobretudo, torna-o bem-aventurado neste mundo e na eternidade, pois está identificado com Cristo.

#### **4. Aplicação homilética**

Identificando Cristo e os cristãos à luz da cruz

- A) A identidade de Jesus – Quem ele (não) é.
- B) A cruz como fonte da identidade de Cristo.
- C) A identidade do ser humano – Do que o ser humano (não) precisa.
- D) A cruz como prova do amor de Deus por nós.
- E) A vida cristã sob a cruz – tribulação, perseverança, experiência, esperança.

Pastor Nikolas Wille